

À espera que O fruto
nasça de novo!



"Escolhi-vos e destinei-vos a dar fruto!"
Jo 15, 16

Caderno de Oração Verbum Dei
Advento e Natal 2009

Caderno de Oração Advento 2009

Índice

Sonho ou pesadelo?	1
1ª Parte - Advento	7
"Semeamos e esperamos que dê fruto"	9
1º Domingo do Tempo de Advento: Jesus: Justiça, Caridade e Libertação	12
2º Domingo do Advento: Preparar o Caminho para a sua chegada	15
Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria: Uma vida de frutos abundantes	19
3º Domingo de Advento: Creio que tenho motivos para a alegria?	24
4º Domingo de Advento: Semear com esperança	28
2ª Parte - Natal	31
Nasce o Fruto	33
Natal - "O teu Deus reina"	36
Epifania - O mundo precisa de Deus	39
Sagrada Família - Que é da obra sem Amor?	42
Batismo do Senhor - "Deus estava com Ele"	46
3ª Parte	51
Os frutos de um Natal autêntico	53
Natal significativo? Como não sê-lo?	57
O suave milagre	60
O Sentido do Natal	63
"Os três reis do Oriente"	67
De São Nicolau ao Pai Natal	70
As duas árvores de Natal	73

Sonho ou pesadelo?

No momento em que este caderno sair para a “rua”, vamos ter as ruas enfeitadas com luzes de Natal, as montras vão estar decoradas com lindos enfeites natalícios e toda a gente andar numa azáfama para ir comprando os presentes da sua lista de Natal!

Muito sinceramente, enquanto escrevo estas linhas e à distância que estou do Natal (ainda faltam quase 2 meses), só de pensar nisso até me arrepio. Não de alegria mas sim de angústia.

Quase que me atrevo a sentir-me deprimida só de pensar nos presentes, nas correrias de casa em casa, nas comessinas que não faço questão de tocar (para não engordar), no que fazer aos 1000 brinquedos que as minhas filhas vão receber, onde os encaixar ...

Um pesadelo! A logística do Natal é um pesadelo. E pior, qual o sentido de toda esta correria, de todo o materialismo e exagero? Porquê tanto stress? Em prol de quê? ...

Hesitei em apagar estas primeiras linhas ... não são dignas da introdução ao Caderno de Oração, mas por momentos veio-me à memória a entrevista do Mário Crespo ao José Saramago e ao Pe. Carreira das Neves ...

... Veio-me à memória o agradecimento que senti nessa noite por acreditar em Deus;

... Veio-me à memória o privilégio que senti por ter fé (ainda que pouca);

... Veio-me à memória o pesadelo que é viver sem Deus.

... Veio-me à memória o orgulho que senti por o Saramago ter diante dele um cristão que experimenta na pele o respeito, a compaixão e a misericórdia que Jesus tem por cada um de nós, seja cristão, ateu ou muçulmano.

É verdade que os agnósticos e ateus “gozam” tanto dos feriados de Natal e do subsídio de Natal como nós, cristãos. Muitas vezes até com muito mais liberdade do que nós porque aproveitam esses dias para ir de férias e poupam dinheiro porque não oferecem presentes a ninguém.

Mas o que é esse “gozo” quando comparado com o “gozo” de se viver o Natal verdadeiro?

Sim, o Natal verdadeiro é tão “simples” como celebrarmos o nascimento de um Deus que nos amou tanto a ponto de querer ser um como nós.

Um Deus, Jesus, que por ter sido um homem de pele e osso, nos é muito mais familiar e próximo.

Jesus viveu numa terra com amigos, família e conhecidos tal como nós e as suas atitudes inspiram-nos uma qualidade de vida inigualável.

Existe alguma coisa na vida mais libertadora do que amar como Jesus nos amou e ama?

É possível ser-se mais feliz do que se é quando se é fiel à amizade que Jesus tem por cada um de nós?

Há presentes e banquetes que nos dêem mais gozo do que saborear o amor do Senhor? Do que saborear a sua infinita bondade, capacidade de perdoar e acolher-nos tal como somos, o seu olhar exigente que nos chama a ir sempre mais além, a amadurecer no amor ainda que ao ritmo de cada um?

Ainda não experimentei nada que chegasse aos calcanhares de Jesus.

Já me iludi muitas vezes e continuo muitas vezes enganada mas no fundo do coração agradeço ao Senhor esta angústia que sinto ao ver o Natal a aproximar-se ... porque se me sinto angustiada é porque estou a antecipar o falso Natal: o materialista, o superficial, o que esvazia.

Mas graças a Deus o Natal não é rigorosamente NADA disso!

E cada ano que passa é uma graça vermos mais e mais iniciativas para dar um sentido ao Natal.

E ainda que muitas vezes as empresas se aproveitem do verdadeiro sentido do Natal para puxar a braza à sua sardinha associando o consumo a actos de solidariedade, a verdade é que estão a lembrar o cerne do Natal: que somos todos irmãos e que Jesus nasceu no meio de nós para nos mostrar como é possível vivermos em paz e em comunhão.

Oxalá assim seja este ano e que no meio das correrias, do stress e muitas vezes do pesadelo dos últimos dias de Dezembro, paremos (ainda que por segundos) para pensar e sorrir porque Jesus ter nascido há 2000 anos foi dos melhores presentes que alguma vez recebemos!

E que SONHEMOS todos com os momentos em que, por circunstâncias da vida, por testemunhos de vidas que por nós passam, por atitudes generosas de entrega e gratuidade, momentos de alegria e desprendimento, Jesus nasça, de novo, no nosso coração! Aí, sim, será Natal!



*"Ela, na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha".
Mc 12, 44*

A felicidade de dar

Veio do outro lado do Atlântico a experiência de vida que melhor me concretizou, nestes dias, o evangelho da viúva que deu "tudo". Com as palavras e os olhos, uma irmã carmelita que vive na República Dominicana, não a das praias e "resorts", ou das viagens paradisíacas, mas entre a população pobre de um aglomerado suburbano, descreveu-me traços de humanidade, de alegria e partilha de pessoas que nada ou tão pouco têm. E disse: "Se eles pudessem viver com um pouquinho mais do que nos sobra, e nós (europeus) com um pouco menos, mas com a alegria com que eles vivem...!" Da falta de luz à de alimento, da pobreza endémica dos haitianos ali refugiados às crianças em risco que nem registo têm, são incontáveis as necessidades de todos. "Mas vivem cada dia com alegria e música, não passas na rua sem que te cumprimentem, e quando têm a mais pequena coisa gostam de partilhar. Nos funerais, então, aparece sempre alimento para todos."

Não defendo a ideia de "pobrezinhos, mas contentinhos". E que bom seria cada vez mais pessoas acederem a melhores condições de vida, que tantos factores (muitos deles causados pela ambição e prepotência humanas) ainda impedem que se realize. Mas não deixa de ser irónico que nas sociedades da abundância se gastem rios de dinheiro em ansiolíticos e antidepressivos, e ande meio mundo mais macambúzio que em dia de funeral; e em tantas regiões pobres deste planeta a alegria seja tão imediata e partilhada. Será a fragilidade da vida, praticamente sem futuro, que faz viver tão alegremente o presente? O que vou descobrindo é que a abundância de ter mata algumas dimensões de alegria, que só o desprendimento faz nascer de novo. Lá vem a primeira bem-aventurança: "Felizes os pobres...!"

É curioso como as "heroínas" das leituras deste domingo são duas mulheres. Duas mulheres viúvas. Como se

fossem duplamente “pobres”: por serem mulheres (como ainda hoje em tantos países ou mentalidades) e por serem viúvas (totalmente dependentes da generosidade dos familiares do marido morto ou expostas à caridade anónima). E nelas se concretiza uma das mais belas palavras de Jesus, que não aparece nos Evangelhos: “A felicidade está mais em dar do que em receber”. É S. Paulo que a refere no seu adeus à comunidade de Éfeso. Estamos dispostos a acreditar profundamente nesta palavra? Não será preciso ir para Santo Domingo, mas a mudança do pensar e do agir que ela convida é uma distância mais difícil de percorrer. E não estará a alegria nessa mudança?

À PROCURA DA PALAVRA, P. Vítor Gonçalves
DOMINGO XXXII COMUM Ano B



1ª Parte

Advento

"Semeamos e esperamos que dê fruto"

O Advento é um tempo que nos ensina a esperar. Sinto que, cada vez mais, precisamos de aprender a esperar: a "esperar", no ~~triplo~~ sentido que este verbo tem: **aguardar, desejar, ter esperança**. *Digo que precisamos de aprender, porque saber esperar é difícil e é algo de que andamos muito arredados.*

Em primeiro lugar, hoje em dia temos muita dificuldade em **aguardar** que aconteça alguma coisa. Só a Natureza nos obriga a esperar que os nossos filhos levem nove meses para nascer, mais do isso para andar ou para começar a falar, uns quantos anos para comerem sozinhos, outros tantos para saberem ler e escrever, etc, etc... (E confessem que no meio destas andanças se impacientam, por vezes... Nunca pensaram que seria bem mais prático que os miúdos nascessem já mais aptos para a vida, que não fosse preciso tanto tempo para estas coisas mais básicas, tantos biberões, tantas fraldas, tantos dentinhos a romper, tantas noites mal dormidas?... Não pensaram?..)

Aliás, é a Natureza dá-nos grandes lições de paciência!... O agricultor deita a semente à terra e espera; porque confia na terra e confia na semente; e sabe (deste saber que não se vê) que a semente, um dia, há-de dar fruto. Qual é esse dia é que não se sabe.

Hoje vivemos longe da Natureza e não repetimos os seus ritmos. Por isso esquecemos essas lições de paciência e perdemos a capacidade de aguardar que as coisas aconteçam no tempo próprio. Andamos a correr, temos pressa, queremos tudo "para ontem". E, no meio desta agitação, também, por vezes, deixamos Deus de lado. Deus tem o Seu ritmo próprio; é brisa suave, quase imperceptível (cf. 1Reis 19, 11-13), não se impõe; espera que a árvore mais seca volte a dar fruto (cf. Lc 13, 6); é paciente, muitíssimo paciente...

"Esperar" significa também **desejar**: espero que a vida me corra bem, espero não ter muitos problemas, espero que isto se resolva depressa... O que espero, afinal?...

Este tempo de Advento poderá ser uma ocasião propícia para repensarmos os nossos desejos mais fundos. "Semeamos e esperamos que dê fruto". Que frutos desejo dar? Que frutos dará a minha árvore de Natal: muitas prendas ou aqueles que Deus nos diz serem os frutos de estar com Ele – amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gálatas 5, 22)? E a razão para dar sempre fruto, um fruto bom e abundante, um fruto que permaneça, é justamente estar com Ele, ficar com Ele, viver unido a Ele: "Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira" (João 15, 4).

"Esperar" é, ainda, **ter esperança**, que é outra coisa de que há muita falta nos nossos dias. É compreensível: olhamos à nossa volta e vemos muita gente triste e desiludida; procuramos soluções e temos dificuldade em encontrá-las; mesmo que tentemos falar de esperança, contrapõe-se a crise, a recessão, o desemprego e todas estas realidades negras que tiram algum brilho às luzes do Natal. Como redescobrir a esperança? Como anunciar que há razões para ter esperança e que a RAZÃO da nossa esperança é um Menino nascido numa gruta?

O nosso Deus é Alguém atento às nossas realidades, que Ele conhece e ama e que quer salvar. Por isso, vem, novamente, este Natal, lembrar-nos o quanto está perto de nós.

No conto de Sophia de Mello Breyner "Os três reis do Oriente", de que publicamos um excerto neste Caderno, encontramos três homens (sejam eles quem forem: lenda, mito, figuras bíblicas), que somos nós próprios, afinal, com as nossas esperas, buscas, anseios e impaciências... Três homens atentos aos sinais de Deus e às necessidades dos homens; três homens que souberam esperar pelo tempo certo, que viveram uma espera vigilante; três homens que sabiam que a sua terra não era ali, onde estavam, e que Deus os desafiava a olhar mais longe; três homens insatisfeitos, que acreditavam estar destinados a dar fruto, mais fruto do que já tinham

dado até então; três homens que viram uma estrela e a seguiram, sem saber para onde, levados só pela esperança; três homens a quem os acontecimentos, por mais duros ou complexos que fossem, não tiraram a capacidade de esperar.

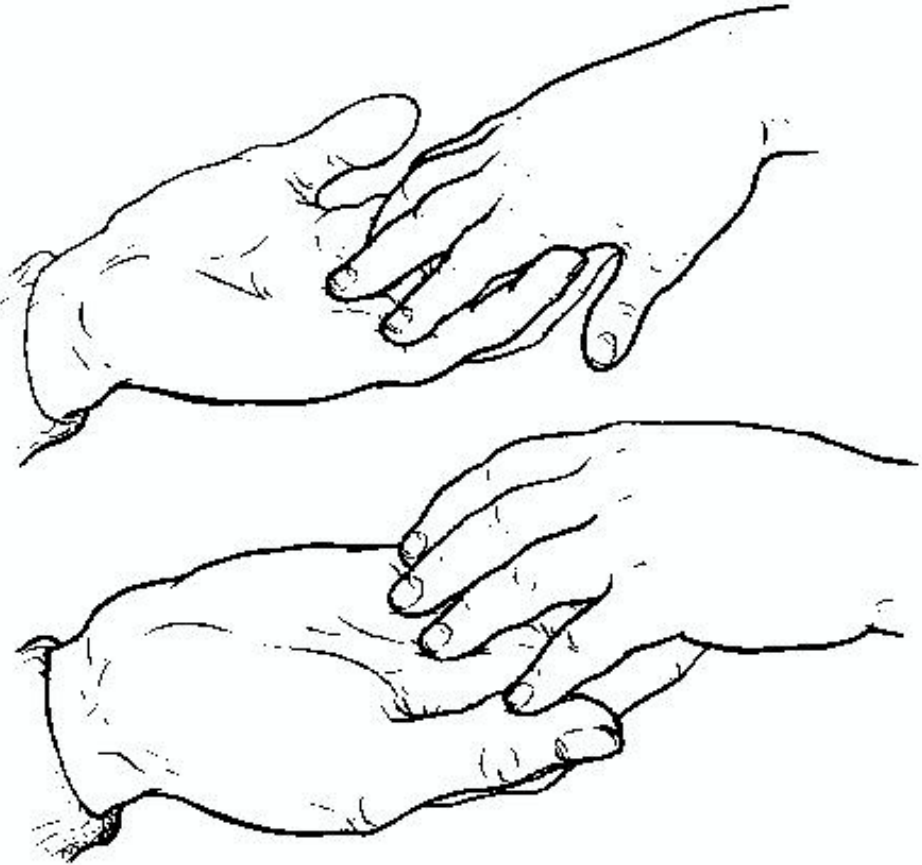
Jesus: Justiça, Caridade e Libertação

1º Domingo de Advento
Jer 33 , 14-16; Slm 24 (25)
1 Tes 3 , 12-4,2; Lc 21, 25- 28. 34-36

O primeiro Domingo do Advento abre um novo ano, é o momento oportuno para redescobrir o caminho de oração, preparar aquela vida que não acaba, a vida eterna. A vinda de Jesus é, por isso, o tema fundamental destas leituras. Na primeira Jesus é sinónimo de Justiça, na segunda de Caridade, no Evangelho de Libertação.

Para o profeta Jeremias, o Messias é o que trará esperança a um povo que naquele momento se encontra mergulhado numa profunda crise. O terrível Nabucodonosor, rei da Babilónia, havia cercado a cidade santa e todos acreditavam que seria o fim do povo de Deus. O Pai deixara de cumprir a promessa de aliança. Por ironia da história tanto o actual Iraque, pátria dos

abilónios, como Israel continuam mergulhados em conflitos. A voz do profeta que teima em manter a sua fé na adversidade daquele momento deve ser escutada com atenção, não apenas nesses territórios, mas NA MINHA VIDA. Jeremias fala de esperança a um povo que não o quer escutar. Anuncia a vinda de um “rebento de Justiça”: Jesus. Como é fácil nos dias que correm perder a esperança, tal como os Israelistas o fizeram. Olhar para a crise económica como uma fatalidade, e esquecer que mais do que dinheiro existem pessoas. Existe uma crise social à qual é necessário dar uma resposta de Justiça. Ter a coragem de num grupo falar do que contraria a “opinião geral”, ir contra a corrente dos que constroem a nossa opinião. Nos momentos de crise é fácil

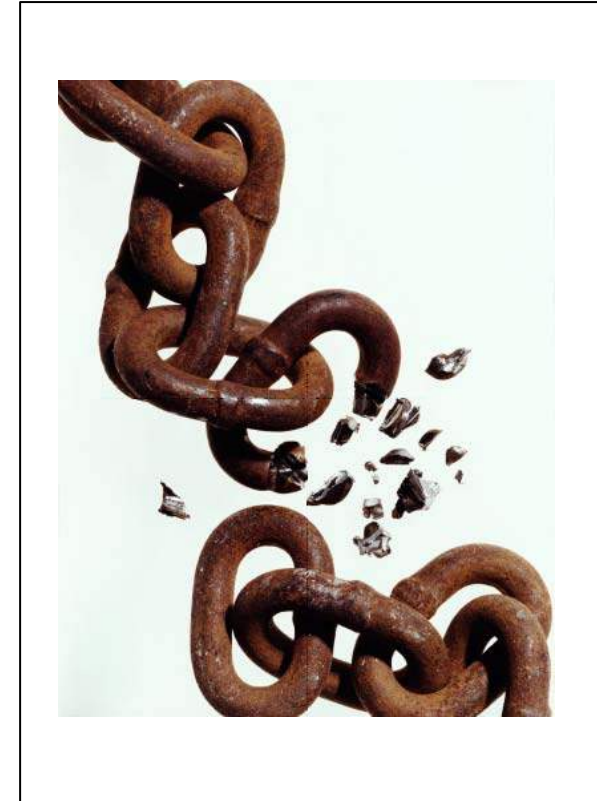


tirar partido das dificuldades sentidas por alguns, explorar um pouco mais quem se encontra numa situação precária, esquecermo-nos das nossas prioridades. Como diz o evangelho, deixarmo-nos tomar pela “devassidão, embriaguês e as preocupações da vida”. A verdade é que a minha realidade é marcada por momentos de crise, de escravidão, de profundas limitações. A resposta a todas estas situações apenas é dada na pessoa de Jesus. É essa a libertação que nos fala o evangelho. É na sua figura extraordinária que encontro resposta para todas as dificuldades. A libertação não é mais do que me deixar permanentemente tocar e modificar pela sua palavra, sem perder a esperança. É este o convite que é feito à comunidade de Tessalónica na segunda leitura. Já conhecem Jesus, mas isso não lhes basta. Para chegar a Ele é necessário uma vontade permanente de nos construirmos. De nos deixarmos renovar em Cristo e aceitar um caminho novo. A minha fé ou está a crescer ou a diminuir. Nunca se mantem “na

mesma”. A comunidade de Tessalónica, tal como eu, já conhecia Jesus. Encontravam-se doutrinados, mas queriam mais. Se me conformar com o que já vivi restar-me-á a mediocridade. Quero manter viva a minha fé, colocar a fasquia na Santidade a que todos somos chamados. Devemo-nos consciencializar de que para muitos poderemos ser a única voz de esperança nesta crise. Por outras palavras, o único veículo para que Deus se dê a conhecer.

A passagem da escravidão para a salvação não significa transformar-me num ser livre e por isso sem responsabilidade para agir. Uma espécie de estado de férias vitalício. À primeira vista até seria uma imagem agradavelmente sedutora, mas profundamente antagónica com o “estar atento” que a salvação de Cristo no exige. De outra maneira será impossível reconhecê-Lo no rosto dos que já perderam a esperança. Dos que olharam para o terrível exército Babilónio e perderam a fé no seu Deus. Não há nada no Mundo que Deus não possa modificar. Talvez o mais difícil sejam os corações dos

Homens, invariavelmente cépticos.



“Não há somente a última vinda no final dos tempos: num certo sentido o Senhor deseja vir sempre através de nós. E bate à porta do nosso coração: estás disposto a conceder-me a tua carne, o teu tempo, a tua vida? Esta é a voz do Senhor, que quer entrar também no nosso tempo, quer entrar através de nós. Ele procura também uma morada viva, a nossa vida pessoal. Eis a vinda do Senhor. Queremos novamente aprender isto no tempo do Advento: o Senhor possa vir também através de nós.”

In HOMILIA DO PAPA BENTO XVI NA CELEBRAÇÃO DAS PRIMEIRAS VÉSPERAS DO I DOMINGO DO ADVENTO 26 de Novembro de 2005

Preparar o Caminho para a sua chegada

2º Domingo de Advento

Bar 5, 1-9; Slm 125, 1-2ab. 2cd-3. 4-5. 6
Filip 1, 4-6. 8-11; Lc 3, 1-6

Até que ponto confio no Senhor? Onde começa e acaba a minha fé em Si, na Sua real capacidade de transformar o Mundo? Como me preparo e preparo o mundo que me rodeia para a Sua chegada? A minha vida “prepara o caminho” e “endireita as veredas” para a Sua chegada? Senhor, ajuda-me a ter consciência do meu papel nesta acção transformadora que nos convidas a participar...

O Natal aproxima-se e com ele a sua preparação... o Advento! Não existe Natal sem Advento nem Advento sem Natal. Ou será que existe...? Este é um ponto que tenho reflectido, rezado e até falado um pouco com a família e alguns amigos...

Na verdade Natal sem Advento parece-me que é o que mais se vê e para o que somos muitas vezes “empurrados”... O Natal é o momento de salvação para o comércio mundial e para toda a economia a ele agregada. Como tal, fomenta-se de uma forma (brutalmente) agressiva o consumismo, a compra do desnecessário, por vezes só para não se cair no ridículo de sermos apanhados

desprevenidos sem algo para retribuir... Admito que, por vezes, até chego ao cúmulo de fazer um stock de presentes (para o que der e vier...).

Com tudo isto, com toda esta correria, esqueço-me e fico sem tempo, primeiramente, de me preparar verdadeiramente para o Natal e depois acabo por vivê-lo de uma forma “remediada”... Mal preparo o meu coração para receber a vida d’Aquele que nasce e me dá uma vida nova! No fundo, sou mais um convidado de uma grande festa, de um grande banquete, que vou à festa pela festa e mais parece que não conheço o “aniversariante” ou que fui

realmente lá fazer... É como se na despedida, lá Lhe fosse dar os parabéns de fuga...

Podemos realmente viver um Natal sem Advento... e assim, viver muito pouco do verdadeiro Natal mas algo muito bem engendrado pelos nossos experts mundiais de marketing e economia. Esta forma de Natal está tão bem montado que até sentimos falta dele e acaba por camuflar muito do seu verdadeiro espírito... Não poderíamos repensar e encontrar formas criativas de viver o verdadeiro Natal? Por exemplo, criando momentos de oração e partilha com os amigos ou a família, com formas inovadoras de mostrarmos o apreço que temos pelo outro sem ser com uma prenda “material”? Vivemos em tempos de crise e em que nunca como hoje o mundo foi tão desigual... não poderíamos converter as nossas prendas em apoios concretos a projectos que promovem a educação, saúde, evangelização? É urgente ter a ousadia de criar formas novas de viver o Natal, isto é, de celebrar a vida Daquele que é A Vida!

Sinto que o Senhor nos

pede uma resposta criativa para criar um novo caminho, uma saída, neste imenso mar de sugestões e tentações a que somos “convidados” a viver!

Ao ler as palavras de Baruc, vem-me à ideia um Deus Super-Poderoso, capaz de tudo, do mais pequenino ao maior... Confesso que, esta é uma imagem que muitas vezes relativizo. Tenho por minha conta um Deus mais harmonioso, que “trabalha” no segredo do coração de cada homem e aguarda, pacientemente, a sua resposta (que há-de vir porque o Amor é sempre transformador!). Por isso, surge-me esta questão: onde começa e acaba a minha fé no Senhor? Até que ponto confio em Deus? Preparar-me para este Natal, “romper” com este novo caminho no oceano, implica força, implica confiar que tenho em mim o poder de não desistir na primeira dificuldade... implica também conhecer um pouco mais desta face de Deus capaz de “(...) rebaixar todos os altos montes e colinas elevadas, e encher os vales até aplanar a terra (...)”!

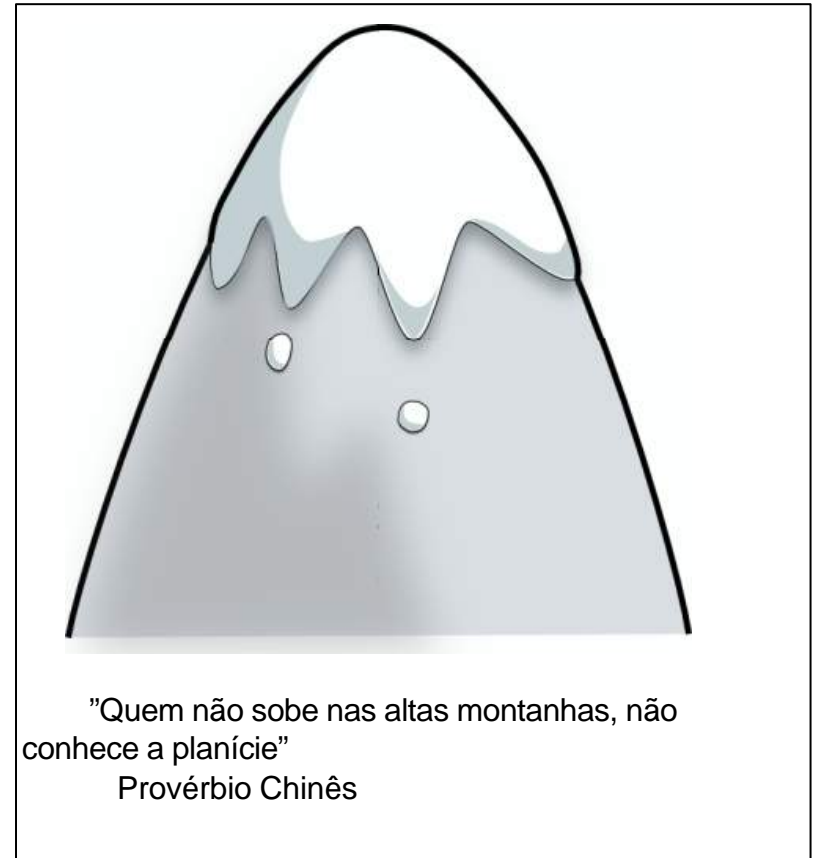
É com esta força que João nos fala no Evangelho e que tanto marcou a sua vida. Foi

desta forma arrebatadora que ele fez da sua vida Advento e preparou o caminho do Senhor. E eu...? A minha vida “prepara o caminho” e “endireita as veredas” para a Sua chegada?

O convite que o Senhor me faz neste Advento é que, a que por um lado, prepare o caminho para Sua chegada no meu coração, na minha vida e, por outro lado, no Mundo, de formas bem concretas e até, de certo modo, radicais como João

sempre foi um pouco. Mas o convite do Senhor não acaba aqui... Tudo isto tem de ser feito com profunda alegria porque o faço por Amor! Esta é a alegria de Paulo. Descobrir que tudo parte do Amor e chega por Amor e, quando assim é, é motivo de muita alegria!

Senhor, ajuda-me a ter consciência do meu papel nesta acção transformadora que nos convidas a participar...



Uma vida de frutos abundantes

Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria

Gn 3, 9-15.20; Slm 97, 1-4

Ef 1, 3-6.11-12; Lc 1, 26-38

A oração é um diálogo no qual Deus apresenta projectos de vida.

Maria sabe escutar Deus e Ele conquista-a para os seus planos.

Se oramos com pureza de coração, como Maria, escutamos a voz de Deus: “não tenhas medo”, “Eu gostaria que tu...”

Um convite: Olha para Eva e para Maria. Duas mulheres que têm diante de si um projecto de Deus, a resposta de uma e da outra são totalmente distintas. E tu, qual gostarias que fosse a tua resposta?

Ao ler as leituras de hoje fico com vontade de rezar, de comparar a leitura do Antigo Testamento, Gn 3,9-15.20 e a do Novo Lc 1,26- 38. Nas duas, Deus procura, tem desejos de falar, quer conversar, concerteza porque tem muito para dizer e propôr. Em Maria, encontra uma interlocutora disponível que a escuta, mas Adão e Eva não querem falar, fogem da presença de Deus.

Deus pode ter com Maria uma conversa com principio, meio e fim. Maria escuta, pergunta, expõe as dificuldades que sente, experimenta o apoio de Deus e apaixona-se pelo projecto que lhe é proposto.

Adão e Eva ouviram a voz de Deus e esconderam-se (Gn 3, 8). Ao não permitirem o diálogo ficam com os seus preconceitos, não escutam e só falam justificando e acusando.

Maria é a cheia de graça, os outros dois, os cheios de medo. Maria escuta que “o Espírito virá sobre ela e a força do Altíssimo estenderá sobre ela a sua sombra” Lc 1,35, sente-se protegida, os outros dois sentem-se por fim sozinhos, desamparados, nus.

Que nos ensinam estes textos para a nossa vida?

Maria, está em atitude orante, sem planos próprios, sem imagens falsas de Deus, sem preconceitos, está limpa de coração e tem uma mente despejada, livre, aberta. Ela colocou-se perante Deus, como uma terra fértil, sem ervas daninhas, sem más atitudes, sem pedras, sem obstáculos, como uma vida pura, sem que as ideias dos outros tivessem influenciado os seus pensamentos e sentimentos. Deus não poderia nunca pedir nada de mau, Deus não vinha castigar, Deus era o Deus dos impossíveis feitos possíveis, e mais que tudo Deus deveria saber muito bem com quem é que estava a falar, conhecia a pequenez da sua serva, não tinha nada que ocultar nem porque se disfarçar. Deus não estava enganado! Assim Ela respondeu com simplicidade e humildade, Faça-se em mim segundo a tua palavra!

Não deixa de ser curioso que em Gn 3,20 a Bíblia diz: “Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela seria mãe de todos os viventes,” e em Lc 1,31, “Deus promete a Maria um filho que será Filho do Altíssimo, e que reinará eternamente”. Deus

tinha para as duas mulheres projectos grandes, importantes, de transcendência, só que a forma de acolhê-lo é mesmo muito diferente, em Eva parece que começa uma descendência na dor e no sofrimento, em Maria é um momento de Historia de Salvação e de vida, tal como Deus tinha pensado desde sempre e para sempre.

Connosco pode acontecer o mesmo, na nossa oração, no nosso diálogo com Deus, não temos que ter medo de escutar, porque os outros às vezes dizem-nos que Deus pede, e pede. Não é verdade, Deus dá e dá muito mais do que nos possa pedir. A palavra de Deus diz que deixa cem por um. Temos que acreditar que é verdade.

Olhemos para Maria, a cheia de graça e de vida, a que pelo seu sim a Deus encheu de frutos abundantes a humanidade por gerações e gerações. Um sim dito a Deus na pobreza e na humildade produz uma fertilidade sem limites, e com certeza que cada um de nós quer para a sua vida muito mais do que apenas muitos anos. Queremos encher

os nossos anos de vida e não a
nossa vida de anos! Acreditem,
isto só se consegue quando

dizemos como Maria sim aos
projectos de Deus!

Meu pobre canto

*Senhor, ergo para Ti minhas mãos abertas.
Enche-as de estrelas... da Tua luz!
Que minhas horas sejam sempre certas,
Junto do presépio ou mesmo da cruz!*

*Quero contigo sempre caminhar.
Se se agigantar o bater das horas...
Com minhas mãos erguidas, a cantar,
Esperarei que renasçam auroras!*

*Criança simples, pobre, em Teu regaço,
Em ti radico minha confiança,
És, no meu mar, segura Bonança!*

*Em Tua graça, no mais terno abraço.
Viverei em Ti, com meu abandono,
Qual serva fiel nas mão do seu dono!!!*

E. M.



O Senhor fez por nós grandes coisas!

Ontem à noite, fui dormir com um peso no coração, sentia a impotência de ver muitas coisas negativas e não ter uma solução certa, tinha uma tristeza grande por ver como as notícias não só não levantam o ânimo mas parece que à minha volta tudo se desmorona, os projectos caem, as famílias destroem-se... Não há nenhum lugar para onde olhar onde se possa encontrar esperança.

Antes de dormir, rezei, rezei como sempre a oração de Charles de Foucault: Pai, ponho-me nas tuas mãos ..., também a rezo todas as manhãs ao levantar-me, e ao dizer estas palavras experimento sempre uma grande segurança perante as inseguranças que me rodeiam. Preciso realmente dela e acho que todos nós necessitamos de segurança na nossa vida.

Hoje de manhã tive uma boa surpresa: queria orar com as leituras do 2º Domingo de Advento, para escrever as pistas que me tinham pedido para o Caderno de Oração do Advento.

Oh! Que surpresa tão grata.
Que delícia de leituras!

Era mesmo o que precisava de ouvir, só o refrão do salmo engrandece o meu coração!

Sim, o Senhor fez por nós grandes coisas, por isso, exultamos de alegria. (Sl 125,3)

Parece que há motivos para a alegria, há um motivo importante e fundamental para a alegria! O Senhor faz maravilhas com as nossas vidas e isso é a causa da nossa alegria!

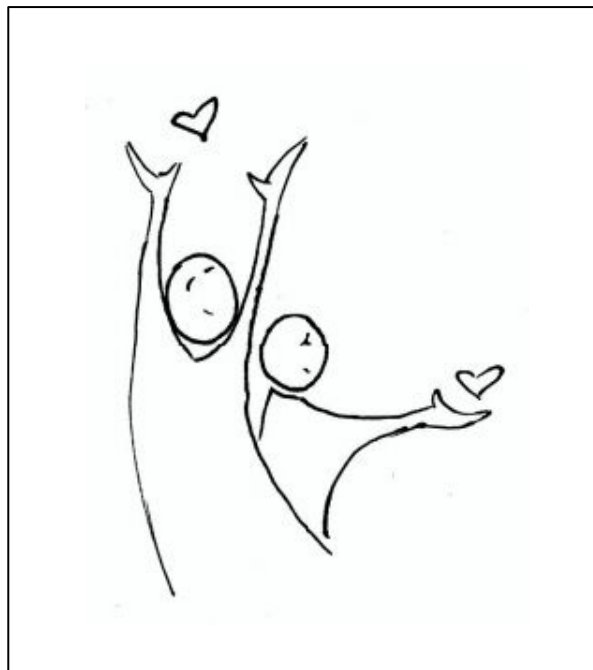
Pergunto-me onde é que o Senhor tem sido grande na minha vida? Continuo a ler as leituras deste domingo.

A primeira do profeta Baruc diz-me para começar: Jerusalém, tira as vestes de luto e de aflição, reveste-te para sempre dos adornos da glória que te vem de Deus. (Br 5,1)

É como dizer-me: deixa a um lado a angústia e a tristeza e centra-te no fundamental. No que nunca falha, o que é para sempre na GLÓRIA DE DEUS, que além do mais diz que é perpétua.

Por isso em Deus não alicerçamos a alegria em coisas que falham, que hoje são e amanhã mudam. Não! Em Deus é como entrar num rio, que sempre tem caudal porque a nascente brota sempre, e é uma fonte que mana perpetuamente, sempre fecunda e dá bons frutos, frutos de justiça, diz Paulo na sua carta aos Filipenses. (Fl 1,11).

Sem fazer muitos comentários pessoais, gostaria que lessem devagar a primeira leitura, e em vez de ler Jerusalém, coloquem o vosso nome: João, Filipa, Marta, Miguel...e olhem para Deus diminuindo montes e dificuldades, enchendo as gretas profundas das nossas decepções e incompreensões dos outros sobre a nossa vida ou o nosso trabalho...Experimentem a ternura de Deus, refrescando a nossa vida como uma árvore frondosa num dia de muito sol, de muito cansaço, de muito sem sentido, e até de muita injustiça. Diz a leitura: "Deus faz tudo isto para Israel, para ti, caminha na segurança pela sua glória".



Creio que tenho motivos para a alegria?

3º Domingo de Advento
So 3, 14-18a; Is 12, 2-6
Filip 4, 4-7; Lc 3, 10-18

Creio que tenho motivos para a alegria? Que frutos de Reino vejo semeados na minha vida? Que frutos brotam já dela? Que frutos geram outros frutos? Que frutos quero pedir como sinal de esperança para este Advento?

Deus, como amante criador, está a cuidar agora e desde sempre da nossa vida, faz proezas e maravilhas e "transforma em milagre o barro", e isso é um motivo mais do que suficiente para gritar de gozo como nos convidam a fazê-lo as leituras de hoje.

Porque é que nós, cristãos, não gritamos de alegria?

Quem sabe porque nos falta fé para acreditar que "**Deus está no meio de nós como poderoso Salvador**", e em vez de não temer nada nem ninguém, tudo se transforma num problema: consomem-nos as preocupações, surgem as queixas, as angústias, as decepções,...

Por tudo isso, para

devolver-nos a alegria, Deus **continua a levar ao extremo o seu amor**, segue cumprindo a sua eterna promessa de permanecer connosco todos os dias actuando a nosso favor. Este é o '1º prémio' que nos podia calhar, e que nos calhou!

Os trabalhadores têm de esperar condições favoráveis para confiar que a colheita possa ser boa. Nós temos o dono dos elementos e de tudo o que foi criado do nosso lado, Ele dá-nos aquilo de que necessitamos. Mas, como somos 'duros de cabeça' e custa-nos acreditar nele, Ele **aproxima-se cada vez mais**, está à nossa porta a chamar, mas deixamos o abrir a porta para amanhã!

Semeemos com a

esperança certa de que “Ele dá o crescimento” e é o mais interessado em que o fruto seja bom e duradouro. De facto, o Evangelho assegura que “Deus tem a pá na sua mão; limpará a sua eira e recolherá o trigo no seu celeiro”.

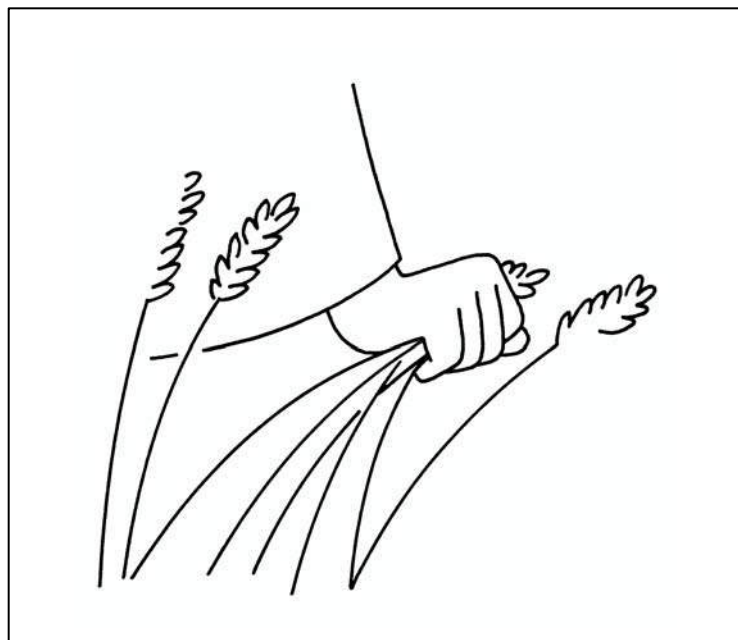
Pela nossa parte, ponhamos em prática a recomendação que nos faz Paulo na Carta aos Filipenses: oração e acção de graças, como o melhor adubo para dar frutos de Reino.

Não há dúvida de que **vamos recolher frutos**; porque Deus não quer das nossas vidas, vidas estéreis, quer ver multiplicados os frutos

do Reino que enumera na primeira parte do Evangelho (Lc 3, 11–14), e **renova-nos continuamente com o seu amor** porque quer bailar e dançar jubiloso, celebrar por nós. (So 3, 17–18).

Esperemos em Deus e deixemo-lo ser Deus COM, EM, POR e PARA nós.

Um dia ouvi uma história, não a recordo bem (só recordo o essencial, ou pelo menos, o que a mim me resultou como essencial) e conto-a a seguir correndo o risco de ser somente uma má adaptação, mas espero que vos sirva para reflexão.



A essência num conto

Um camponês, cada ano ao colher a sua colheita, ía fazer queixas a Deus; nunca parecia estar de acordo com a actuação de Deus e com o fruto colhido: que se não fizeste luzir o sol, que se as chuvas foram muitas (ou poucas), que se o vento fazia perder o fruto, etc. Queixava-se continuamente!

Assim, chegou um ano, em que Deus, cansado das queixas e caprichos daquele homem, fez um “pacto” com ele e deixou-o “jogar a ser Deus” concedendo-lhe o poder de controlar os elementos naturais e os fenómenos atmosféricos.

O homem, feliz, pensando em dar a Deus uma lição exemplar, começou a mimar os seus campos: agora uma chuva suave, logo um sol esplêndido, etc. Recriava-se grandemente vendo crescer a sua colheita, e dizia para si: “Terei a melhor cultura de toda a minha vida, todos me vão invejar!”

Mas, qual foi a sua surpresa quando ao chegar a hora da colheita, oh, que horror!, estava tudo cheio de pulgões e outros insectos que tinham arrasado praticamente com todos os frutos.

Visivelmente decepcionado e ferido no seu orgulho, foi ter com Deus e perguntou-lhe:

— O que é que se passou? O que é que falhou? Mimei os meus campos com todo o cuidado do mundo e é isto que encontro!

Deus, com grande carinho e misericórdia, respondeu-lhe:

— Por queres mimar tanto os teus campos, esqueceste-te de enviar fortes ventos que sacudissem as ervas e espantassem os insectos.

Neste momento, o homem deu conta do seu erro, entendeu que não era assim tão fácil satisfazer plenamente as suas pretensões e reconheceu que Deus sabe fazer as coisas melhor que ninguém e que, inclusivamente, conduz a nossa vida melhor que nós mesmos.

Moral da História (minha visão):

Deixemos Deus ser Deus, e com confiança e humildade colaboremos para poder dar muito fruto. Não nos esqueçamos que “é Deus quem dá o crescimento”, nós podemos semear, plantar, regar,... mas “se o Senhor não constrói a casa, em vão se cansam os pedreiros”.



Semear com esperança

4º Domingo de Advento

Mq 5, 1-4ª; Slm 79, 2ac. 3b.15-16.18-19

Heb 10,5-10; Lc 1,39-45

Durante 4 semanas semeámos, e não semeámos em vão porque semeámos com essa esperança do semeador que ao semear tem um sentido naquilo que faz porque espera que resulte, acredita na semente, confia na terra, confia que virá chuva e sabe que por si só não floresce nada! Há uma confiança mínima no seu trabalho, na semente, na terra, em si próprio nos demais e na providência divina...

Semeámos na fé, na esperança de que estamos em caminho, que este Natal será diferente... que eu ponho da minha parte mas há Alguém que me cuida, que me mostra caminhos e me faz crescer...

Há um passo mais além da esperança que é a confiança, porque enquanto que a esperança espera de Outro com certa “passividade”, a confiança, o fiar-se implica a disposição interior e activa de quem se abandona... como se fosse o sujeito mesmo atrás da semente... isto acontece quando na minha vida e oração Deus a mim importa-me mesmo e realmente. Quando a minha vida vai atrás da semente porque semeei tudo quanto tinha para mim e para os meus e impliquei a minha vida nisso... então semear, esperar que dê fruto é sinónimo de confiar, é uma disposição interior muito mais intensa.

Esta é atitude importante quando semeamos e esperamos o fruto, e assim é normal que esperemos algo grande, que sonhemos em GRANDE porque foi muito o semeado e há uma grande perspectiva de receber, como diz o evangelho 100 vezes mais!

Semeamos em confiança de que “tudo irá bem, no Senhor” (como diz a canção).

Quem semeia tudo o que tem, surge nele a experiência de abrir-se ao mistério.

Há medos de perder mas há um medo neste dinamismo compatível com a confiança, é o “temor bíblico” frente ao mistério:

“Como será isto??”

Que diferente é viver diante do mistério como algo escuro, como um buraco negro e força que arrasta e não se pode explicar (que mais cedo ou mais tarde dará uma imagem de Deus negativa, Deus “aspirador”), a aproximar-me ao mistério de Deus como “excesso de luz”, excesso de tão grande amor, que por ser tanto não pode ser compreendido e explicado de uma só vez, mas precisa de tempo, espaço e confiança...

Semeio, acredito, espero com uma confiança muito grande diante do Mistério da Vida presente na minha vida.

“Muitos acreditam, mas são poucos os que confiam...”

Estamos chamados como Maria a ir, a educar para a vida, educar os nossos jovens a confiar diante da Vida! Diante da bondade que semeiam no escondido...

“Tudo irá bem no Senhor!” porque antes da minha decisão por Ele está a Sua decisão por mim.

Aquele que me chamou desde toda a eternidade, que me amou preferindo-me à não existência.. como não fiar-me a esta vontade?

Maria é MAESTRA na confiança no fruto semeado e de levar esta mensagem de confiança no meio das dificuldades.

”Feliz tu porque acreditas-te em tudo o que te foi dito de parte do Senhor!” Luc. 1, 45

“”Então eu disse: Eis que venho para fazer a Tua vontade. Não quizes-te nem sacrifícios e holocaustos. Eis que venho para fazer a Tua vontade.” Heb. 10, 7-8



Nós temos a esperança no Senhor
De que tudo acabará bem
No Senhor!

Nós temos a esperança e uma só voz, um pão e um Senhor...
De que tudo acabará bem
No Senhor!

Tudo irá bem e todas as coisas acabarão bem!
E no teu coração tudo acabará bem, no Senhor!

2ª Parte

Natal

Nasce O Fruto

Não sei o que se tem passado este ano mas, pela primeira vez na vida, tenho visto o Natal de uma perspectiva diferente.

Confesso que o que costuma ocupar-me os pensamentos a partir de meados de Novembro até ao dia 25 de Dezembro é a lista de presentes que tenho que comprar, onde é que vai ser o jantar de 25 (ultimamente ninguém se quer oferecer para juntar lá a família porque já somos muitos e ninguém está para trabalhos), se a minha avó vai estar com saúde para fazer as azevias de grão que só ela sabe fazer,

É claro que também vou tentando rezar ao longo do Advento sobre o significado de Jesus se fazer homem mas digamos que isso ocupa uma pequena parte dos meus pensamentos na época de Natal.

Mas este ano dei por mim a achar tudo tão ridículo, tudo tão efémero, que de repente comecei a não valorizar nada os presentes, a compreender que as pessoas estejam cansadas e não se queiram oferecer para fazer o jantar de Natal, a agradecer a vida da minha avó e o privilégio de passarmos mais um Natal juntos

Ponho-me na posição de Jesus a olhar para nós (do mundo ocidental) na azáfama destes dias e tomo consciência de que quase nada do que absorve o nosso pensamento nestes dias é fundamental.

É uma pena que diariamente não nos concentremos no essencial. Claro que é um desperdício não aproveitarmos momentos tão fortes como o Natal para aprofundarmos a fé e a nossa amizade com Jesus, mas acima de tudo é uma pena deixarmos a vida passar-nos ao lado e não vivermos diariamente o que realmente é essencial.

Queixamo-nos muito, agradecemos pouco, zangamo-nos por tudo e por nada, preocupamo-nos imenso, e, inevitavelmente (porque a nossa cabeça não consegue pensar em tudo ao mesmo tempo), o que é essencial passa-nos ao lado.

E que frutos tem uma vida que não se concentra no essencial? Que frutos tem a vivência do materialismo, da solidariedade “à força” e da superficialidade? Frustração, medos, alternar entre entusiasmo/

excitação e desânimo/desilusão, ausência de sentido de vida.

Não viver o essencial conduz-nos inevitavelmente à desilusão. Porque aquilo que recebemos não é aquilo que precisamos.

Viver o Advento em função dos presentes, dos jantares de Natal e dos feriados só nos pode levar à frustração.

Mas então como viver o Natal no essencial? O que fazer para que no dia 25 de Dezembro nasça o menino Jesus dentro de nós?

Vivendo cada dia contra a corrente!

Deixar de dar presentes? Oferecer-me para enfiar 40 pessoas em 90m²?

Penso que não. Mas sim deixar que seja o amor que me conduza cada dia até ao dia 25 de Dezembro!

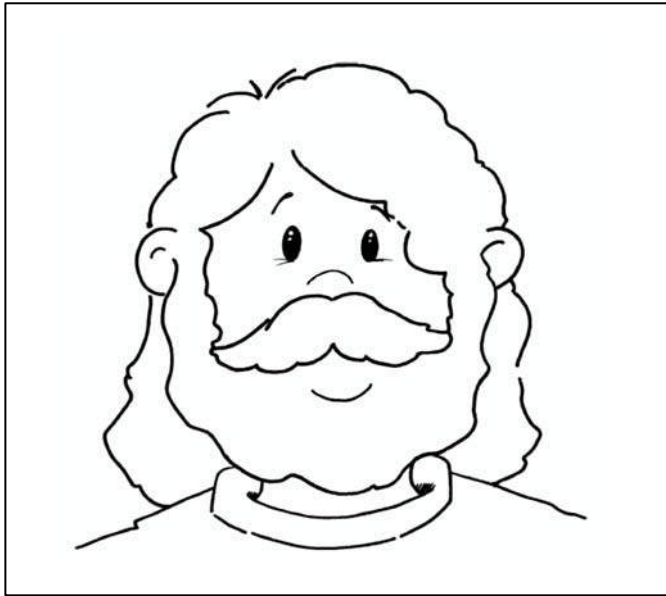
Acolhendo as contrariedades do dia-a-dia com disponibilidade de coração, sorrindo com alegria a todas as pessoas (conhecidas e desconhecidas), agradecendo os pequenos nada ou os maiores presentes, não julgar nem condenar mas antes perdoar e compreender, cumprir com as minhas responsabilidades com ânimo,

A lista dos presentes a comprar é grande mas grande é também a lista das situações diárias em que Jesus pode nascer no meu coração daqui até ao Natal.

Se estiver disponível para o fazer, o essencial terá mais peso do que o acessório e no dia 25 de Dezembro o menino Jesus, em vez de ser um recém-nascido, poderá ter crescido no meu coração muito mais do que posso imaginar!

E aí sim, aqueles dias especiais, independentemente das circunstâncias vividas, terão um sabor mágico!

Que tal experimentar o desafio?



“Ser feliz ou ter razão?”

Oito da noite, numa avenida movimentada. O casal já está atrasado para jantar em casa de uns amigos. O endereço é novo e ela consultou o mapa antes de sair. Ele conduz o carro. Ela orienta e pede para que vire, na próxima rua, à esquerda. Ele tem a certeza de que é à direita. Discutem. Percebendo que além de atrasados, poderiam ficar mal-humorados, ela deixa que ele decida. Ele vira à direita e percebe, então, que estava errado. Embora com dificuldade, admite que insistiu no caminho errado, enquanto faz o retorno. Ela sorri e diz que não há nenhum problema se chegarem alguns minutos atrasados. Mas ele ainda quer saber:

- Se tinhas tanta certeza de que eu estava indo pelo caminho errado, devias ter insistido um pouco mais...
E ela diz:

- Entre ter razão e ser feliz, prefiro ser feliz. Estávamos à beira de uma discussão, se eu insistisse mais, teríamos estragado a noite!

“O teu Deus reina”

Natal do Senhor
Is. 52, 7-10; Slm 97, 1-6
Heb. 1, 1-6; Jo 1, 1-18

Neste Natal, quem é que nós anunciamos?
Assumimos o nosso papel de mensageiros? Anunciamos a paz,
a alegria, a esperança?

“O teu Deus reina” – quem é o Deus que reina no meu coração?

Neste Natal, o Senhor convida-nos a celebrar a vida, no meio da azáfama com que sempre vivemos o Natal, no meio da loucura dos presentes, a parar e a contemplar este Menino... que me pedes hoje, Senhor?

Tem sido difícil para mim rezar estas pistas... este Natal é para mim especial, porque o Senhor já me deu o maior presente... faz hoje três meses que sou mãe de dois rapazes, que muito desejei, que muito pedi ao Senhor e que, ao fim de tantos anos finalmente chegaram!... tal como este Deus Menino que hoje nasce!

Até há 3 meses atrás, ter

um filho era para mim, uma meta, que parecia estar tão perto, mas que nunca alcançava... o que me tem feito pensar e rezar muito, em como por vezes, deixamos que a vida se transforme num monte de objectivos: parece que morremos se não os alcançarmos! Finalmente, hoje percebo bem aquilo que muitas vezes ouvi às missionárias sobre o que é importante não é a meta – o que é importante é o modo como vivemos o caminho que percorremos! Olho para trás e vejo que muitas vezes pensei por objectivos, olho à volta e vejo: trabalhamos por objectivos, às vezes educamos “por objectivos”, temos ideias / objectivos sobre o namoro, os amigos, o casamento... – mas o Senhor muitas vezes faz-nos

parar e ver: como estou a viver o caminho que percorro? Deixo-me interpelar pela fé, por Deus ao longo deste caminho?

Hoje é um bom dia para parar, para olhar: olhar para o presépio e ver este Deus Menino, adorá-Lo... obrigada, Senhor, porque realmente me ouviste, me foste consolando ao longo destes anos, me deste esperança para continuar, quando pensava que já não tinha forças, porque continuas ao meu lado, quando as noites são longas e cheias de choros, de sobressaltos...

Agora tenho menos tempo para rezar “de caderninho”, mas

tenho pensado muito em Deus quando olho para os meus filhos: como Ele nos acolhe, como nos conhece, como nos vê crescer e transformar diante dos olhos Dele – e como nos olha com o amor de um Pai: um Pai às vezes exigente, às vezes educador, às vezes brincalhão, mas também um companheiro para a vida!... e quando penso hoje é Natal, sinto que Ele me interpela muito a deixá-lo nascer, sim, mas também a não ficar por aqui: a deixarmos que Ele cresça, viva, participe cada vez mais nas nossas vidas: “o Teu Deus reina!”



Os aniversários devem ser celebrados. Julgo que é mais importante celebrar um aniversário do que o sucesso num exame, uma promoção ou uma vitória. Porque celebrar um aniversário significa dizer a alguém: “Obrigado por seres tu”. Celebrar um aniversário é exaltar a vida e estar contente por ela. Num dia de anos, não dizemos: “obrigado pelo que fizeste, ou disseste ou conseguiste”. Não, nós dizemos “obrigado por teres nascido e estares aqui connosco”.

Nos aniversários celebramos o tempo presente. Não nos queixamos do que aconteceu nem especulamos sobre o que acontecerá, mas encorajamos alguém e damos ocasião a que todos digam “Eu amo-te”.

Conheço um amigo que, no seu dia de anos, é agarrado pelos seus amigos, levado à casa de banho e lançado todo vestido na banheira cheia de água. E todos esperam com ansiedade pelo seu dia de anos, inclusive ele próprio. Não faço ideia donde terá vindo esta tradição, mas ser levantado e “rebaptizado” parece uma ótima ideia de celebrar a própria vida. Assim tomamos consciência de que, embora tendo de ter os pés bem assentes na terra, fomos criados para outros voos e que, embora nos sujemos facilmente, podemos sempre lavar-nos e dar à nossa vida um novo começo.

Celebrar um aniversário recorda-nos que a vida é bela e é neste espírito que devemos celebrar o dia de anos das pessoas todos os dias, demonstrando gratidão, compreensão, gentileza e afecto. Isto equivale a dizer: “é bom estares vivo; é bom tu fazeres o mesmo caminho que eu, neste mundo. Alegremo-nos com isso. Este é o dia que o Senhor fez para existirmos e estarmos juntos”.

(Henri J.M. Nouwen, “Aqui e agora, Vida no Espírito”)



O mundo precisa de Deus

uma vez mais de voltar o nosso olhar para o Príncipe da paz.

Epifania do Senhor

**Is, 60,1-6; SIm 71 (72), 2.7-8.10-11.12-13
Ef 3, 2-3a.5-6; Mt, 2, 1-12**

Epifania é manifestação, é a presença do menino Deus que mais uma vez nos diz que quer ser acolhido, recebido nas nossas vidas. Como foi vivido o meu Natal? Como acolhi este grande sinal de Deus na minha vida? Como é que na minha vida Ele é manifestação de Amor?

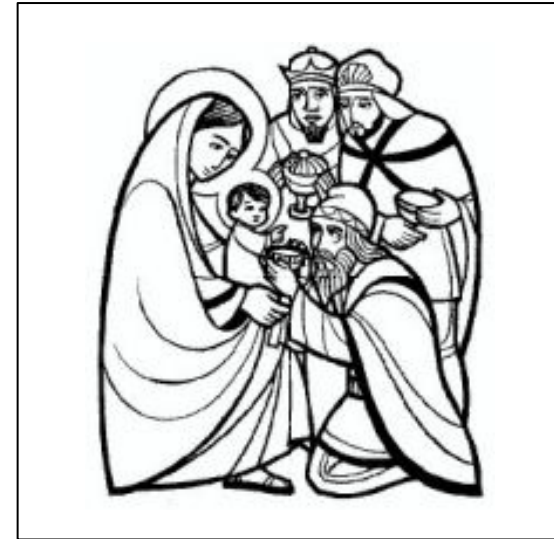
Todos os anos, os cristãos celebram o Natal, a epifania. Deus é nos oferecido pequeno e impotente, no presépio ou nas mãos de sua mãe, Maria. O Deus do céu oferecido como Salvador, como amor, como caminho de vida para todos, sem exceção

Devíamos prestar atenção aos sinais de Deus! Os magos viram uma estrela nova no firmamento, e ela suscitou o interesse e a procura. Foi um sinal que Deus lhes enviou e que, graças à sua atenção, eles decifraram e se puseram a caminho. Deus fala hoje também ao homem com palavras e ações; talvez o que esteja a acontecer é que os homens não estão preparados para decifrar a sua linguagem. Os mártires do século XX não são um sinal de

Deus? Os milhões de jovens reunidos para as Jornadas Mundiais da Juventude não são uma palavra significativa que Deus nos dirige? E os movimentos eclesiais? E o renascer do espírito religioso e da ânsia de transcendência?

Nós precisamos de hoje no nosso tempo devolver Deus ao mundo. Dizer aos Homens do nosso tempo que Deus não se esquece deles, que é um Deus de amor que se quer manifestar uma e outra vez, que quer ser encontrado pelos Homens.

O mundo precisa de Deus, a humanidade precisa de Jesus Cristo para se realizar, para ser feliz. O menino do presépio que tanta alegria deu aos magos quer também a nossa alegria a nossa felicidade, precisamos



“Os Magos adoraram um simples Menino nos braços da Mãe Maria, porque reconheceram n’Ele a fonte da dupla luz que os tinha guiado: a luz da estrela e a luz das Escrituras. Reconheceram n’Ele o Rei dos Judeus, glória de Israel, mas também o Rei de todas as nações. No contexto litúrgico da Epifania manifesta-se também o mistério da Igreja e a sua dimensão missionária. Ela está chamada a fazer resplandecer no mundo a luz de Cristo, reflectindo-a em si mesma como a lua reflecte a luz do sol. Na Igreja tiveram cumprimento as antigas profecias relativas à cidade santa de Jerusalém, como aquela maravilhosa de Isaías que ouvimos há pouco: “Levanta-te, resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz... As nações caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor da tua aurora” (Is 60, 1-3). *É isto que os discípulos de Cristo deverão realizar: ensinados por Ele a viver no estilo das Bem-Aventuranças, deverão atrair, mediante o testemunho do amor, todos os homens para Deus: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu” (Mt 5, 16). Ao ouvir estas palavras de Jesus, nós, membros da Igreja, não podemos deixar de sentir toda a insuficiência da nossa condição humana, marcada pelo pecado. A Igreja é santa, mas formada por homens e mulheres com os seus limites e erros. É Cristo, só Ele, que ao conceder-nos o Espírito Santo pode transformar a nossa miséria e renovar-nos constantemente. É Ele a luz dos povos, lumen gentium, que escolheu iluminar o mundo mediante a sua Igreja (cf. Conc. Vat. II, Const. Lumen gentium, 1).” Bento XVI*

Que é da obra sem Amor?

Sagrada Família
Sir 3,3-7.14-17a; SIm 127 (128)
Col 3,12-21; Lc 2,41-52

⁴⁵ Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura. ⁴⁶ Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. ⁴⁷ Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas. ⁴⁸ Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» ⁴⁹ Ele respondeu-lhes: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» ⁵⁰ Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse. ⁵¹ Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. ⁵² E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

É curioso, que quando me apresento a alguém tenho muitas vezes a preocupação em dizer o que faço, o que por vezes até se torna numa matéria bastante abstracta quando os interlocutores vêm de áreas muito distantes. No entanto este momento até ajuda a “quebrar o gelo” e de certa forma a interagir. É ainda mais curioso, que nestas situações partamos tantas vezes para o encontro do outro focando-nos naquilo que nos distingue, quando apesar

dessas diferenças aquilo que vivemos ou sonhamos viver acaba por não ser assim tão divergente.

Esta tendência levava-me a olhar para Sagrada Família de um ponto de vista muito pragmático: Quem era esta família? Maria seria dona-de-casa, José carpinteiro e Jesus uma criança com alguns episódios engraçados (Lc.2 41-52). Ou seja, deste ponto de vista esta Sagrada Família seria

uma família como tantas outras do seu tempo, por isso sempre me questionei: com tantos livros na Bíblia porque é que não nos contam um pouco mais do dia-a-dia desta família? Agora sei que esta visão era muito curta. Quando olhamos com atenção, em clima de oração para as poucas leituras sobre esta família começamos a perceber que estas vão ao essencial da sua vida, que não é “o que fazem?”, mas sim “o como vivem?”. E este “como” está sempre presente.

Para mim, a Sagrada Família é uma tradução prática da vivência da Fé com aqueles que mais amamos, é a concretização da “família” como um espaço privilegiado de Evangelização recíproca e de crescimento na capacidade de Amar. Maria e José enquanto casal são exemplo disso mesmo. Maria ao dizer o seu “sim” sabia que também comprometia José e este ao dizer “sim” foi capaz de colocar a dimensão espiritual do casal acima das suas inseguranças e desde esse dia comprometeu-se a suportar a missão que a sua esposa lhe colocou. Maria e José estavam unidos na

missão de educar Jesus no Amor de Deus. José garantia os meios, garantia as condições logísticas e até por vezes a sobrevivência, e Maria dava-lhes sentido através da sua sensibilidade e disponibilidade para conhecer o outro a fundo.

Mas não se pense que a reciprocidade ficava entre o casal, também Jesus era um alimento para a família (Lc.241-52), não se limitando ao papel passivo de receber a educação dos pais, a pouco e pouco ia revelando a sua própria missão e chamava o casal ao essencial, o compromisso na relação com Deus.

José, Maria e Jesus representam assim três eixos transversais a toda a família: a obra prática, a disponibilidade de coração e o compromisso com o Pai. É um contexto que me faz questionar: Com espaços tão absorventes como os nossos trabalhos, o ritmo imposto pelas obrigações, necessidades (nem sempre reais nem interiores sobretudo no Natal comercial) e rotinas, será que valorizamos o tempo interior junto da nossa “família”? Será que nos alimentamos

reciprocamente nestes três eixos?

Porque quando vivemos com este alimento, a própria família passa a ser uma honra (Sir, 3), “uma terra com gozo de privilégio”. Onde não nos limitamos a dividir tarefas, a ajudarmo-nos nos nossos planos, mas onde vamos ao fundo de cada relação procurar os sonhos de Deus para cada um. Viver junto, ou em contacto próximo com aqueles que mais amamos é apenas uma obra finita senão nos dedicarmos a procurar a sintonia interior, que nos dá o sentido mais profundo de cada relação.

Também me ajuda muito transpor esta mensagem da sagrada família para a minha dimensão Espiritual pessoal. “O que honra o pai alcança o perdão dos pecados, / e quem honra sua mãe é semelhante ao que acumula tesouros.” (Sir. 3, 3-4), pois sinto-me chamado a honrar, viver em sintonia com o Pai, a Amar como ele me Amou, e a honrar a mãe, guardando cuidadosamente “todas estas coisas” no meu coração (Lc. 2, 51). Este chamamento concretiza-se em (Sir. 3 17)

“Filho pratica as tuas obras com doçura e serás mais amado que o homem generoso.”. Deus convida-nos a fazer obra e a sermos generosos, mas a não ficarmos apenas por aí. À imagem da Sagrada Família, que não se limitou a “carregar” um filho mas que o soube educar e Amar, a nossa missão não se limita ao “fazer”, nem sequer ao “fazer bem feito” a nossa missão é fazer com sentido. Completar a “obra” do Pai com a doçura da “Mãe”.

Em que sentido é que Deus desafia as minhas relações (concretas) com os outros?

A família é chamada a fazer da sua casa, verdadeiro “templo”: lugar sagrado do crescimento, “em sabedoria, em estatura e em graça”; a fazer da casa o lugar onde, na doçura de afectos serenos e intensos, se deve antes de mais, procurar e ver a Deus, o Deus que é afinal e simplesmente «Amor».

Por isso, antes ainda de “falar com Deus” ou de “falar sobre Deus”, é a linguagem dos afectos e a ternura do amor, a palavra primeira e visível do amor e da bondade de Deus. Insisto na ternura dos afectos, sem sequer temer o excesso, num tempo em que a própria afectividade com as crianças, entre pais e filhos, aparece sob a suspeita das piores intenções. Que isso não nos ate os braços para os abraços. «Que são os braços, senão o coração em dois pedaços» (T. Pascoaes). Pai e Mãe, pais e filhos, irmãos e irmãs, procurem nos laços apertados da família, os elos mais estreitos da procura e da manifestação de Deus.

Fonte: abcdacatequese.com



“Deus estava com Ele”

Batismo do Senhor

**Is 42, 1-4.6-7; SIm 28 (29)
Act 10, 34-38; Lc 3, 15-16.21-22**

Deus recorda-nos a nossa história de amor com Ele, a história de uma vida, passo a passo, dia a dia, marcada pelo amor.

A missão que Jesus viveu é aquela que Ele nos convida a viver. Mas, como abrir os olhos aos “cegos”, como libertar os “prisioneiros” Como viver a paz, no meio dos conflitos? Como promover na justiça? Como fazer como Jesus, que “andou de lugar em lugar, fazendo o bem”?...

“Deus estava com Ele” – este é o segredo: uma união profunda com o Pai.

Deus surpreende-nos, muitas vezes, para nos falar de amor! E, mais do que para nos falar, para nos revelar claramente o Seu amor. Neste tempo de dúvidas e de incertezas, de receios de um futuro sombrio, Deus vem nascer de novo, feito Menino, para nos trazer a certeza de que está connosco! No meio da ansiedade em que vivemos, Ele traz-nos a paz; entre as dificuldades, renova-nos a esperança. Talvez vivamos mais nas sombras do que na luz, talvez as preocupações nos afoguem e problemas nos façam desanimar... Por isso,

Deus quer tanto (tanto!) mostrar quanto nos ama!

A festa do Batismo de Jesus é uma celebração de amor: do amor sem fim do Pai pelo Filho (“Tu és o meu Filho muito amado”); do Seu amor, igualmente infinito por mim, por cada um de nós (“enlevo do Meu coração, o Meu eleito, aquele que Eu escolhi”); do Seu enorme amor pelos homens, por todos os homens, pelo mundo, ao qual envia o Filho e nos envia a nós: “designei-te como aliança de um povo e luz das nações”.

Esta leitura de Isaías faz-

me sempre ficar muda e parada, diante daquilo que Deus me diz. Como é possível que Deus me diga, assim, desta maneira, que me ama? E que me ame desta forma infinita, sem limites?... Como é que pode ser que eu (eu, que me amo tão pouco; eu, que, no lugar Dele, já tinha desistido de mim, deste “eu”) seja o enlevo do Seu coração?...

Acredito, acreditamos pouco no amor, no poder do amor! Deus, que sabe muito de pedagogia, fala-nos ao ouvido e ao coração. E vem recordar-nos uma história tantas vezes esquecida: a nossa história de amor com Ele, a história de uma vida, passo a passo, dia a dia, marcada pelo amor. É como se me dissesse a mim, baixinho, em segredo: “Lembras-te? “segurei-te pela mão; formei-te e designei-te como aliança”. Nunca te esqueças disto! Nada te pode separar de Mim.” Pode haver mais bela declaração de amor?...

Na época em que Jesus viveu, o povo esperava ansiosamente a salvação!

“Estava o povo na expectativa” – diz o Evangelho;

como agora... – acrescentamos nós. E a resposta de amor de Deus é a mesma, hoje e há dois mil anos. A ternura com que o Pai fala ao Filho, no rio Jordão, é a mesma com que nos fala, no presente. No presente do coração de cada um, no tempo em que cada homem (eu, tu,...) se dispuser a ouvi-Lo. Deus não se impõe: propõe... e espera. Deus não desanima, nem desiste; e também é isso que espera de nós: “Não desanimará, nem desfalecerá”.

A missão que Jesus viveu é também aquela que Ele nos convida a viver: “abrir os olhos aos cegos, tirar do cárcere os prisioneiros e da prisão os que vivem nas trevas”. O que Jesus espera de nós, aqueles que recebemos os Seu Espírito, é que vivamos a paz e anunciemos a justiça: “Ele não gritará, não levantará a voz”; “Anunciará com toda a fidelidade a verdadeira justiça”.

Mas como viver isto?... Como abrir os olhos aos muitos “cegos” que conhecemos, como libertar os “prisioneiros”, como iluminar a vida dos que vivem nas trevas? Como viver a paz, no meio dos conflitos?

Como acreditar na verdadeira justiça e como a promover, se parece que vivemos redeados de injustiças? Como fazer como Jesus, que “andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos” ?...

“Deus estava com Ele” – este é o segredo: uma união

profunda com o Pai. E é o mesmo “segredo” de vida para nós: estar com Deus, nesta certeza de coração de Ele está sempre e para sempre conosco. Sejam quais forem as circunstâncias, os momentos, as surpresas da vida.



O ciclo das solenidades natalícias faz-nos meditar sobre o nascimento de Jesus, anunciado pelos anjos; o tempo natalício fala-nos da estrela que guia os Magos do Oriente até à casa de Belém e convida-nos a olhar para o céu que se abre sobre o Jordão, enquanto ressoa a voz de Deus. São sinais através dos quais o Senhor não se cansa de nos repetir: “Sim, estou aqui. Conheço-vos. Amo-vos. Há um caminho que, de Mim, leva até vós. E há um caminho que, de vós, sobe até Mim”.

O Criador assumiu em Jesus as dimensões de uma criança, de um ser humano como nós, para poder fazer-Se ver e tocar. Ao mesmo tempo, com este Seu tornar-Se pequenino, Deus fez resplandecer a luz da Sua grandeza.

O significado do Natal (e, mais em geral, o sentido do ano litúrgico) é precisamente o de nos aproximar destes sinais divinos, para os reconhecer nos acontecimentos de todos os dias, a fim de que o nosso coração se abra ao amor de Deus.

E se o Natal e a Epifania servem sobretudo para nos tornar capazes de ver, para abrir os nossos olhos e o nosso coração ao mistério de um Deus que vem para permanecer connosco, a festa do Baptismo introduz-nos, poderíamos dizer, na quotidianidade de uma relação pessoal com Ele.

Com efeito, mediante a imersão nas águas do Jordão, Jesus uniu-Se a nós. O Baptismo é, por assim dizer, a ponte que Ele construiu entre Si e nós, o caminho pelo qual Se nos torna acessível; é o arco-íris divino sobre a nossa vida, a promessa do grande “sim” de Deus, a porta da esperança e, ao mesmo tempo, o sinal que nos indica o caminho a percorrer de modo activo e alegre, para O encontrar e para nos sentirmos por Ele amados.

Papa Bento XVI, Homilia de Domingo, 11 de Janeiro de 2009

3ª Parte

Os frutos de um Natal autêntico

Por vezes, o Natal deixa um sabor agridoce que produz desânimo e desencanto.

Já se passou comigo sentir o seguinte: tanto esperar, tanto trabalhar, tanto cozinhar, tanto ir às compras, tanto rebuliço, ... para quê?

Tudo para que, num dia, numa só noite, toda a magia termine e logo a seguir comece um duro trabalho de arrumar, lavar, tirar enfeites, colocar tudo no seu lugar, deitar sacos de lixo cheios de papéis coloridos no contentor, comer dias sem fim comida boa mas que uma vez já fartos da mesma, acabamos por enjoar.

E de novo volta a rotina do trabalho, da escola, parece que os livros pesam mais, os companheiros estão insuportáveis e não há esperança de ter férias proximamente, a preocupação por o corpo estar mais pesado, faz mais frio, muito frio, não dá vontade de sair e caminhar nem de ir ao ginásio!

Na realidade tudo é negativo, parece que terminou o fascínio de algo maravilhosamente esperado, e que mal passou deixou escuridão, desolação e deserto. Não passou a chuva, essa bem fértil e primaveril que produz fruto, mas sim um furacão que arrasou com tudo.

São estes os frutos de um Natal vivido?

Não, são os frutos de um Natal festejado!

Terminou a festa e com ela foi-se tudo, não deixou nada mais que cansaço, tristeza, e ressaca. Será que quando o Natal se vive de outra forma os frutos são outros?

Lembro-me do primeiro Natal da História, pelo ano 1, um homem, uma mulher grávida, um largo caminho, cansaço, nenhum cantinho aconchegante onde ficar, desolação, nada preparado, as compras sem fazer, nem mesa para enfeitar, nem fogo para cozinhar, nada se esperava e chegou o inesperado, A VIDA, e não uma vida qualquer mas sim uma vida cheia de frutos abundantes para todos e

para sempre.

Nesse instante não terminou tudo como acontece nos nossos Natais! Esse acontecimento do nascimento de Jesus, desencadeou um acontecimento atrás de outro acontecimento de vida: o céu cantava cheio de alegria, os pastores escutaram os anjos e o seu coração ficou cheio de uma felicidade generosa. Com rapidez foram à gruta onde deixaram queijos, leite, mel e algum cordeiro. No Oriente, uns magos puseram-se a caminho e levavam ouro, incenso e mirra.

Naquele pobre lugar tinha nascido a vida, era NATAL, e daquela gruta saíam frutos, sentimentos e acontecimentos de autêntica vida.

São dois Natais diferentes:

O Natal do primeiro ano da Era Cristã onde não havia nada mas dali começou tudo.

O nosso Natal de cada ano onde há de tudo mas que ao terminar, acaba também tudo.

Poderíamos este ano escolher melhor como viver o nosso Natal. Preparar só o nosso coração, esperando que o nascimento de Jesus seja um ponto de partida onde tudo começa porque chegou A VIDA, e não um final triste onde ficamos sem desejo de nada porque o nosso cansaço e desânimo é muito.

Podes escolher!!!

Só de ti depende.

Escolhe a vida e viverás!

Tu e todos os que estão à tua volta.

Fazemos votos de um autêntico e por isso feliz Natal cheio de frutos de vida!



A noite de Natal deve ser sempre, para nós, o
começo de uma vida nova.

P. J Kentenich

O autêntico Natal dá frutos porque
se converte em tempo para os amigos.

Tempo de descontração.

Ser solidário.

Tempo de tranquilidade.

Atenção aos outros.

Tempo de paz.

Visitar alguém.

Tempo para a família.

Ter atenção às solidões.

Tempo de contemplação.

Ouvir mais as pessoas.

Lembrar-se dos isolados.

Ter gestos concretos de partilha.

Conversas com os mais próximos.

Dar mais atenção às relações importantes.

Lembrar-se do que está longe.

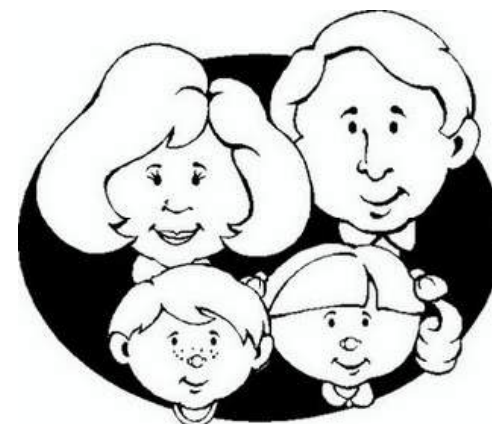
Programar serenamente o Natal.

Solidariedade.

Perdão.

Encontro.

Anónimo



Natal significativo? Como não sê-lo?

“Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o Seu Filho (...), para que o mundo seja salvo por Ele.” (Jo 3, 16-17)

“Nisto consiste o amor: Não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e nos enviou o seu Filho.” (1Jo 4, 10)

Quando se fala em Natal, a maioria das pessoas, mesmo os cristãos, pensam na dimensão afectiva da festa e do encontro da família.

Talvez porque a minha “família nuclear” sou mesmo só eu, dou por mim a valorizar muito mais a dimensão não-familiar do Natal.

Claro que vou estar com os meus pais e irmãos e demais família, ceamos juntos, damos presentes, etc., tudo como as outras pessoas. Mas sinto que vivo muito mais o Natal como uma re-visitação do Mistério da Encarnação, a contemplação do Deus-no-meio-de-nós.

Por isso, escolhi para ilustrar a minha partilha estas duas frases de S. João que falam de um Deus que vem ao encontro do homem, na realidade humana histórica,

num espaço e num tempo determinados, sujeito às mesmas contingências, limites e sofrimentos que nós. Um Deus que “monta a sua tenda” no meio de nós.

E, tudo isto, por amor, porque sabe que, sozinhos, temos muita dificuldade (leia-se impossibilidade objectiva) em nos cumprirmos totalmente como homens, em sermos homens e mulheres segundo o sonho de Deus, em nos tornarmos aquilo que Ele nos fez para sermos, isto é, como Jesus. Já não me lembro qual dos Padres da Igreja dizia que Deus se fez homem para que o homem se torne Deus.

É também S. João que diz que “Já somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Quando

Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como Ele é.” (1Jo 3, 2)

E nisto consiste a “salvação”.

Então, é por isto que Ele vem, que encarna numa natureza igual à nossa, que partilha a nossa experiência humana, com TUDO (menos o pecado, Heb 4, 15), para nós podermos ver como vive alguém igual a nós a plenitude da relação com Deus, para nós podermos ver e aprender como é que se vive de forma plenamente humana. E, assim, podermos chegar a ser divinizados, isto é, salvarmos-nos.

Claro que isto, em nós, não é nem automático nem rápido! É um processo, um crescimento.

E, muito importante: não pode ser feito individualmente e muito menos em auto-gestão! É um processo que necessita ser feito com o Senhor. Porquê? Não é porque sejamos “uns incapazes”. É apenas porque, sozinhos, o máximo a que conseguimos chegar, mesmo com a melhor boa-vontade e

trabalho pessoal, é a um nível “humano”. E aquilo para que estamos feitos, a nossa medida, o que Deus sonhou para nós é que sejamos “divinos”. E isso, meus amigos, sozinhos, não conseguimos. Chegaremos lá, mas com Ele e porque Ele no-lo dá, já que é Ele que o tem.

Natal significativo, diziam eles, os do Caderno, que nos “encomendaram” a escrita dos textos e das pistas! Natal significativo para nós e para outros.

Olhem, para mim, preparar um Natal significativo, neste ano e neste momento, é partilhar convosco esta reflexão, esta contemplação de Jesus enquanto Deus encarnado. E dizer-vos que as consequências são enormes, se for capaz de ir ao fundo delas e as levar a sério.

Porque ao olhar a forma como Ele viveu a sua vida humana, percebo como tenho eu de viver a minha, aos diferentes níveis:

- Desapego das coisas;
- Atenção e cuidado das pessoas;
- Confiança em Deus e

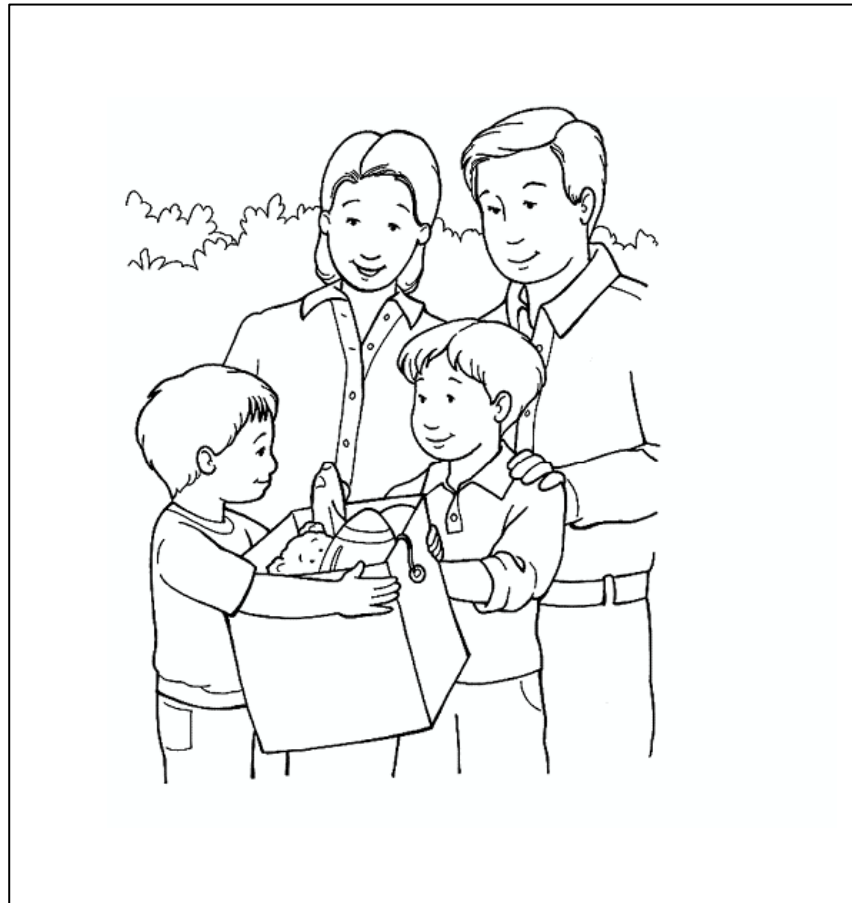
serenidade por não precisar de me angustiar pelo futuro;

- Tornar melhor e facilitar a vida dos outros;
- Empenhar-se e envolver-se nas realidades deste mundo para que sejam mais humanas;
- Não valorizar as questúnculas com que tantas vezes nos envenenamos;
- Não guardar rancor;

· Perdoar e acolher o perdão...

· e tudo o que mais quiserem procurar no Evangelho...

FELIZ E SANTO NATAL!



O suave milagre

Ora entre Enganin e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ele o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava um grão ou côdea. No Estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves malélicas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com os olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! quantos o desejavam, que de desesperaçavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganin; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesareia. Errando, esmolando por

tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça engelhada:

- Oh filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e de balde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e de balde correram por Jesus, desde Hébron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e nossa dor mora connosco, dentro destas paredes e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

- Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar! E a mãe, em soluços:

- Oh meu filho como te posso deixar! Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

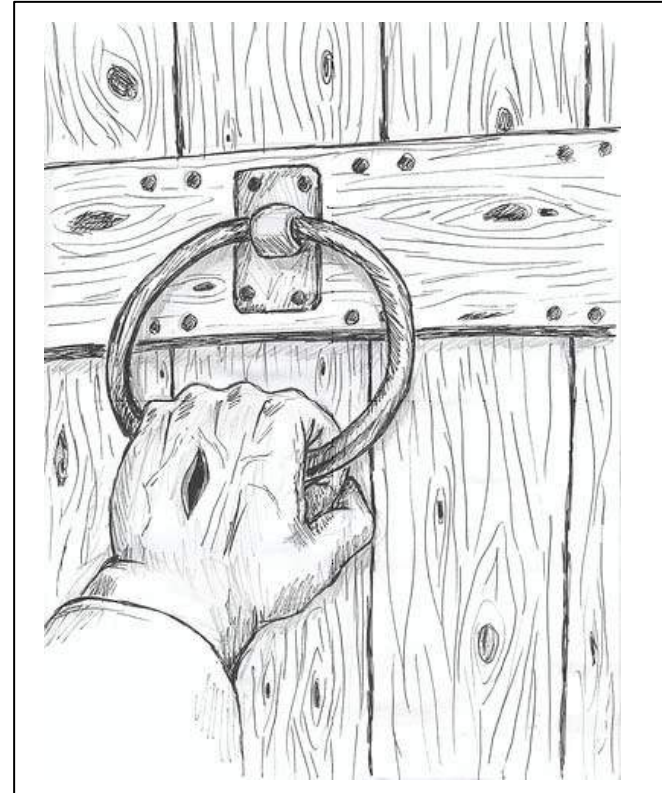
De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

-Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

- Aqui estou.

Eça de Queirós



O Sentido do Natal

Qualquer pessoa que alguma vez tenha pegado na Bíblia sabe que nela podem distinguir-se duas partes: Antigo e Novo Testamento. O Antigo Testamento descreve a história e vivência de uma nação: Israel. O Novo Testamento descreve um homem e a sua vida: Jesus. O Antigo Testamento contém muitas referências acerca da vinda de um Messias ao mundo. O Novo Testamento relata o cumprimento dessas profecias. Israel foi germinando, cresceu e alimentou-se no acreditar de que dela sairia um homem especial para todo o mundo. O Antigo Testamento fornece o cenário para esse aparecimento. O Novo Testamento descreve-o. Apesar de ter sido num episódio pontual, este espírito fica bem patente quando Jesus é apresentado no templo, é visível em Simeão e Ana a condensação de toda a esperança de Israel que vem ao encontro do seu Salvador - Lc 2, 25-38.

Relativamente ao nascimento de Jesus, existem factos inquestionáveis e histórias que ninguém sabe ao certo qual o seu fundamento.

Para mim é certo que nasceu, teve uma família e amigos, viveu num espaço e num tempo e morreu. Há aspectos concretos e outros que resultam da vivência da fé, da “decantação da cultura” e outros simplesmente especulação. Todas essas questões e abordagens são muito importantes porque configuram em boa parte a fé que cada um tem.

Acho que por seriedade – para além da minha incapacidade para desenvolver o assunto com rigor - devo respeitar as várias visões e por não ser o centro desta temática não o vou aprofundar. O que interessa retirar por agora é que a história de Jesus (ainda por cima que ocorreu há tanto tempo e não tendo registos claros) permite muitas interpretações, até nisto Jesus permitiu criar espaço de liberdade: a sua história pode ser vista de várias maneiras. Aliás, a sua história é tão rica e com tanto potencial humano que chegou a criar na cultura um tempo particularmente quente em que se lembra com particular atenção o seu nascimento.

Dá a sensação (e de resto isso é visível no comércio) que existem diversas tentativas de reorientar o sentido de uma festa do cristianismo para determinados aproveitamentos, tamanha é a força desta festa. É fundamental apercebermos-nos destas dinâmicas.

Objectivamente dá jeito à economia, alegra as pessoas e torna o tempo mais bonito de viver (pelo menos para a maioria das pessoas). Apesar de para mim isto em si só poder ser bom, não pode retirar o sentido mais profundo e completo do Natal: é que nele celebramos a chegada pessoal de Deus à história. Apesar de esta realidade ser considerada supérflua para muitos, ou porque não é a sua ou simplesmente está tão distante que se torna difícil de pôr em palavras significativas, para mim é claro que tudo o que vivemos no Natal só pode fazer sentido quando vivido a partir da experiência de ser amado por Deus que está perto. Festejar a presença daquele que a todos nos faz crescer e amadurecer num amor especial de ano para ano!

Experimentando a presença de Jesus que me

acompanha faz sentido festejar o seu aniversário, o aniversário de alguém que para além de ser o humano mais feliz é muito próximo. Se por ter experimentado esta proximidade chego a comprometer-me, é por este compromisso dinâmico que me torno solidário e aberto aproximando dos outros, e neste ciclo me torno mais sensível e humano.

Torna-se visível que o meu sentido para o Natal tem passado pela experiência de me relacionar e sentir amado por alguém. E numa experiência tal que me faz saber que é Deus feito homem e não por reconhecer de fora ou desde a cabeça, todo esse universo a que chamamos encarnação. É por via desta dinâmica amorosa que experimento transformação, mudança e através delas maior liberdade e a sensação de “vida em abundância”. Muitas vezes sinto no mundo um Natal constrangido, tal como tudo na vida, quando se torna resultado de um relativismo vazio.

Gostaria ainda de aproveitar a aproximação do Natal para convidar a uma preparação espiritual durante o tempo do Advento, como o

tempo de alegria onde revivemos a espera do acontecimento mais alegre da história. O Advento é o tempo da atenção, de preparação e adesão a educar-me para ter uma resposta de esperança em qualquer altura da minha vida e perante muitas situações. Ter a certeza que Jesus me acompanha pode fazer do Advento e do Natal um tempo mais intenso onde diariamente, e em variadas situações posso deixar uma marca. Neste tempo o convite é a deixar sementes nos outros, levar esperança num mundo de negatividade. Esta postura de atenção num tempo de advento permite-me ver melhor o que faço, ter consciência do trabalho que faço e dos objectivos pelos quais luto. Esta atenção permite-me identificar aquilo que me faz mover, as minhas intenções. Que bom seria se nos movêssemos apenas pela esperança do Natal, por fazer nascer em cada situação o espírito de Jesus.

Advento é tempo de preparação, a cada instante estou a preparar o futuro, em cada acção estou a educar-me e a educar.

Como educo, estou atento

nas minhas relações, como as alimento?

Na família, no trabalho, no estudo, nas coisas simples sou capaz de ter uma capacidade de adesão, indo a fundo, pegando a sério nos problemas e enfrentando-os?



“Os três reis do Oriente”

Quisemos escolher, para o Caderno, alguns textos sobre o Natal e ocorreu-nos este conto de Sophia de Mello Breyner Andresen, “Os três reis do Oriente”. Já o tínhamos divulgado, na íntegra, no Advento de 1998. Mas passou muito tempo e achámos que podíamos voltar a publicá-lo: primeiro, porque muitos dos nossos leitores de hoje não são os daquela época; depois, porque todos nós estamos diferentes do que éramos e, portanto, fazemos as nossas leituras de forma diferente.

Além disso, a literatura, a poesia, a arte, em geral, têm este dom de serem universais e intemporais: há a beleza, que permanece, há a verdade, que é eterna.

Desta vez, optámos por três excertos, um relativo a cada rei — já que é assim que o conto está organizado. Seleccionámos também uma frase que resume o pensamento de cada uma das personagens e que poderá bem ajudar a nossa oração deste Advento: O meu deus é outro e creio no seu advento, que a terra e o céu me anunciam. Eu continuarei a buscar, a escutar e a esperar. Como poderei suportar o que vi se não Te vir?

Gaspar

O meu deus é outro e creio no seu advento, que a terra e o céu me anunciam.

Ajoelhado no terraço, Gaspar olhava o céu da noite. Olhava a alta e vasta abóbada nocturna, escura e luminosa, que simultaneamente mostrava e escondia.

E disse:

— Senhor, como estás longe e oculto e presente! Oíço apenas o ressoar do teu silêncio que avança para mim e a minha vida apenas toca a franja límpida da tua ausência. Fito em meu redor a solenidade das coisas como quem tenta decifrar uma escrita difícil. Mas és tu que me lêes e me conheces! Faz que nada do meu ser se esconda. Chama à tua claridade a totalidade do meu ser, para que o meu

pensamento se torne transparente e possa escutar a palavra que desde sempre me dizes.

Primeiro pareceu a Gaspar que a estrela era uma palavra, uma palavra de repente dita na muda atenção do céu.

Mas depois o seu olhar habituou-se ao novo brilho e ele viu que era uma estrela, uma nova estrela, semelhante às outras, mas um pouco mais próxima e mais clara e que, muito devagar, deslizava para o Ocidente.

E foi para seguir essa estrela que Gaspar abandonou o seu palácio.

Melchior

Eu continuarei a buscar, a escutar e a esperar.

Nessa noite, depois da lua ter desaparecido atrás das montanhas, Melchior subiu ao terraço e viu que havia no céu, a Oriente, uma nova estrela.

A cidade dormia, escura e silenciosa, enrolada em ruelas e confusas escadas. Na grande avenida dos templos já ninguém caminhava. Só de longe em longe se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.

E sobre o mundo do sono, sobre a sombra intrincada dos sonhos onde os homens se perdiam tacteando, como num labirinto espesso, húmido e movediço, a estrela acendia, jovem, trémula e deslumbrada, a sua alegria.

E Melchior deixou o seu palácio nessa noite.

Baltasar

Como poderei suportar o que vi se não Te vir?

(...) Baltasar interrogou os sacerdotes:

— Dizei-me onde está o altar do deus que protege os humilhados e os oprimidos, para que eu o implore e adore.

Ao cabo de um longo silêncio, os sacerdotes responderam:

— Desse deus nada sabemos...

Naquela noite, o rei Baltasar, depois de a lua ter desaparecido

atrás das montanhas, subiu ao cimo dos seus terraços e disse:

— Senhor, eu vi! Vi a carne do sofrimento, o rosto da humilhação, o olhar da paciência. E como pode aquele que viu estas coisas não te ver? E como poderei suportar o que vi se não te vir?

A estrela ergueu-se muito devagar sobre o céu, a Oriente. O seu movimento era quase imperceptível. Parecia estar muito perto da terra. Deslizava em silêncio, sem que nem uma folha se agitasse. Vinha desde sempre. Mostrava a alegria, a alegria una, sem falha, o vestido sem costura da alegria, a substância imortal da alegria.

E Baltasar reconheceu-a logo, porque ela não podia ser de outra maneira.

Sophia de Mello Breyner Andresen

“Os três reis do Oriente” in Contos exemplares
Porto, Figueirinhas, 1997



De São Nicolau ao Pai Natal

Para a história ficou conhecido por Pai Natal, que na noite de 24 de Dezembro anda pelo mundo a distribuir prendas, principalmente às crianças que se portaram bem durante o ano. Mas a história remonta ao século II ou IV, data imprecisa do nascimento de São Nicolau, em Lycia, no sudoeste da Ásia Menor. Foi Bispo de Myra, em Dembre, na actual Turquia. Também a data da sua morte não é certa. Foi sepultado num santuário no séc. VI, local onde dizem ter nascido uma nascente de água. Em 1089 os seus restos mortais foram trasladados para Bari, na Itália onde passou a ser conhecido como São Nicolau de Bari.

De acordo com a lenda, Nicolau era cidadão de Patras, nascido no seio de uma família abastada. Após a morte dos seus pais, procurou repartir os seus bens com os pobres. Outra lenda diz que um dia Nicolau auxiliou uma família pobre, ao durante noites seguidas colocar debaixo da janela desta família, um saco com dinheiro. Sendo um dia descoberto a sua fama e bondade espalhou-se por toda a parte.

Em 1822, Clement Clarke Moore fez um poema “A Noite de Natal” sobre São Nicolau, evocando-o como um velho, jovial, rechonchudo, de barba branca e com mitra e báculo. A figura do Pai Natal foi assim nascendo, ficou conhecido por distribuir prendas às crianças e a imagem foi passando ao longo de muitos anos, assim descreve o livro “Natal no Algarve – Raízes Medievais”, de Pe José da Cunha Duarte.

No século XX, ao ser apresentado pela Coca Cola, não mais foi esquecido, instigando ao aparecimento de várias lendas. Alguns países celebram a troca de presentes às crianças, na véspera do dia do santo, a 5 de Dezembro, ao invés da noite de Natal ou da noite dos Reis.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a figura do Pai Natal

invadiu a Europa. A Igreja Católica e a Evangélica lutaram sempre contra o “pai natal” ao serviço da Coca Cola, que usou a sua imagem para a explorar. A sua popularidade aumentou transformando-o em símbolo, estando directamente relacionado com o nascimento de Jesus Cristo, já que os princípios de dar sem pedir em troca são também máximas de Cristo. Ficou também como um dos santos mais populares da história da cristandade, sendo o protector não só dos mais pequenos.

Fonte: www.agencia.ecclesia.pt

Evolução:



S. Nicolau



Pai Natal (Alemanha)



Pai Natal (América - 1800)



Pai Natal (América)

As duas árvores de Natal

Aproximava-se o natal e naquela floresta os lenhadores começavam o seu trabalho de cortar árvores para adornar as casas de tantas e tantas pessoas.

Era um bosque frondoso e belo, por isso estava cheio de madeira boa para cortar e vender. Procuravam-se árvores jovens e belas.

Ignorando o contexto em que se encontravam, algumas destas árvores falavam entre si sobre a beleza de ser árvore. Apreciavam o crescimento vigoroso dos seus membros e gostavam de baloiçar as suas braçadas ao vento. Deliciavam-se com o cantar dos pássaros que pousavam nas suas ramas e consolavam-se com os esquilos que ao passar lhes coçavam as costas com as suas patas de unhas aguçadas e fortes.

Quando chovia as suas raízes bebiam o néctar vindo dos céus transformando-o em seiva. Alimento saudável que lhes percorria todos os membros e as enchia de vigor e de fortaleza para enfrentar também o sol quente e o frio austero do inverno.

O que elas mais gostavam era de crescer em direcção ao céu. Que belas eram as noites estreladas e que paz se sentia na floresta pela noite. Então, quando havia luar era fantástico! De dia o céu azul falava-lhes do infinito e sonhavam com crescer mais e mais para alcançá-lo.

Mas como dizíamos ao princípio, aproximavam-se os lenhadores que ao ver aquele conjunto de belos exemplares, não pensaram em nada mais que cortar alguns deles e coloca-los no camião rumo à cidade.

Foi mesmo um corte radical e mortal o que sentiram aquelas jovens árvores e o maior problema é que as tinham separado das suas raízes. Encostadas umas às outras e saltando com o movimento do veículo elas nem tinham tempo de consolar-se por tudo o que lhes tinham roubado num corte de serra. O que mais lhes doía era esta separação da sua fonte de vida. Tinham os dias contados! Quantas semanas aguentariam o verde tão belo que apresentavam? Quanto tempo levaria a secar o seu interior? Se ao menos as

deixassem morrer juntas, mas nem isso lhes foi permitido.

Chegadas a um local chamado mercado, foram postas à venda e cada uma delas foi levada alegremente por alguém que dizia delas maravilhas.:

«Em casa vão ficar todos contentes, que exemplar mais bonito!» E cada uma lá foi erguida á base de baldes com pedras e areia para mantê-las em boa posição.

Uma delas foi enfeitada com fitas douradas, brilhantes e muito felpudas. Depois colocaram-lhe bolas de várias cores e um conjunto de luzes que cintilavam continuamente. Por fim na parte de cima uma estrela adornava a mais alta das suas ramas. E assim foi e ali ficou. Sentia-se tão estranha, e tinha tantas saudades do céu, das amigas e sobretudo tinha fome. Experimentava fortemente a ausência das suas raízes. Ali a sua beleza vinha-lhe daquele conjunto de enfeites exteriores a si mesma e que não tinham nada a ver com a sua natureza.

Na noite de 24 para 25 de Dezembro todos se acercaram a ela e trocaram presentes alegrando-se do que tinham recebido e nada mais. Que tinha ela que ver com toda esta história dos enfeites, dos presentes...sentia o seu corte tão inútil, tão carente de sentido, que chorou a sua triste sorte. Dias mais tarde retiraram-na e colocaram-na na rua junto ao contentor do lixo.

A outra árvore também estava erguida numa sala de jantar. Ali ao canto penduraram-lhe maçãs vermelhinhas, muitas maçãs e depois umas velas nas extremidades das ramas. Por fim a estrela na parte mais alta. A dona da casa achou que estava muito bonita e dizia ela que daria um bom símbolo. A árvore lá se perguntava o que é queria dizer ser símbolo. Também ela tinha saudades do céu, da sua floresta e aquele teto não lhe permitia ver o cintilar das estrelas.

Chegou a noite de natal e tal como sucedeu na outra casa, reuniram-se à volta da árvore para trocar presentes. Entretanto a dona da casa perguntou: «Vocês sabem qual é o significado destas maçãs e destas velas acesas?» Uns diziam que sim, outros não. Continuou a conversa dizendo que hoje era dia de natal e que celebrávamos a alegria de ter um salvador, alguém que ilumina a vida das pessoas para lhes dar sentido para viver. Esta árvore representa a árvore bíblica do paraíso da qual Adão e Eva comeram

um fruto em desobediência a Deus. Com este acto perderam o nível de confiança e amizade que tinham com Ele. Por excluir a Deus das suas vidas começaram a viver sem alguém que fosse referência para os seus passos. Esta árvore no símbolo das maçãs representa este afastamento de Deus e os males que o homem se faz por não ouvir a voz do amor. As velas são sinal da luz de Cristo que veio até nós para voltar a ensinar-nos a viver correctamente. Elas iluminam-nos na escuridão. A Estrela do alto representa a estrela que guiou os Reis magos.

A vida do homem sem Deus é como a desta pobre árvore que está separada das suas raízes, da sua fonte de vida.

Querida família, que esta tradição da árvore do natal, nos ajude a colocar o nosso olhar e a vida em Deus. Feliz natal a todos!

«Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram. Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois assim como todos morreram em Adão, em Cristo todos receberão a vida.»
1 Cor 15, 20-22

Maria João Cruz, Missionária VD

